

ASSENTAMENTO RANCHO GRANDE: (RE)CONTANDO SUA HISTÓRIA

LAYING GREAT RANCH: (RE)TELLING YOUR STORY

Pollyanna Ferreira da Silva Xavier¹

RESUMO

O Assentamento Rancho Grande já foi objeto de estudo de várias pesquisas. Dentre elas destaca-se a pesquisa de doutorado de Jadir de Moraes Pessoa (1997), intitulada “A revanche camponesa: cotidiano e história em assentamentos de Goiás”. Outra obra que vale a pena mencionar por seu valor inigualável iconográfico é “Imagem Reflexa” de Jofre Masceno (1989), fotógrafo e jornalista pela Universidade Federal de Goiás, que registrou a história dessa luta apenas com fotografias. Outra importante pesquisa é a de Regina Sueli de Souza (1997). Sempre que o historiador decide qual será seu objeto de pesquisa, tem-se a consciência de que até sua escolha é carregada de subjetividade. É essa subjetividade que em muitos momentos permite que a mesma história, ou o mesmo objeto de pesquisa sejam percebidos por vieses diferentes. Histórias diferentes são contadas, mesmo que essas histórias tenham acontecido com a mesma pessoa, nesse caso um grupo, em determinado tempo e lugar.

ABSTRACT

The settlement Rancho Grande has been studying various research object. Among them stands out Jadir doctoral research Moraes Person (1997) , entitled " The peasant revenge : daily life and history in Goiás settlements ." Another work worth mentioning for its unique iconographic value is " Reflex image" of Jofre Masceno (1989) , photographer and journalist from the Federal University of Goiás , which recorded the history of luta apenas with photographs. Another important research is to Sueli Regina de Souza (1997) . Whenever the historian decides what will be his object of research , there is the awareness that even your choice is fraught with subjectivity. It is this subjectivity that in many instances allows the same story , or the same research object are perceived by different biases. Different stories are told , even if these stories have happened to the same person , in this case a group at any given time and place.

COMO TUDO COMEÇOU

Segundo depoimento de Lourenço Luiz Bueno, foi a partir do ano de 1972 que os moradores do campo da região de Itapuranga começaram a ter noção dos

¹ Primeira graduação em História pela UEG – Cidade de Goiás. Graduada também em Pedagogia pelo Instituto de Tecnologia de Goiás. Pós Graduada em Línguas Brasileiras de Sinais – LIBRAS, pela FAI. Pós graduada em Direitos Sociais do Campo, pela UFG. Atualmente cursando o Direito Agrário pela UFG, Campus Cidade de Goiás. Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, uma escola do Campo no distrito de Buenolândia/Cidade de Goiás. Email: pollyannasilvaxavier@mail.com

seus direitos como trabalhadores rurais. É a partir dessa data que se organiza em Itapuranga o Sindicato dos Trabalhadores rurais.

Antes agente vivia oprimido nas fazendas, né, trabalhando na meia, prosoto né, trabalhadores rurais, e o sindicato foi nascido foi de 72 pra cá in Tapuranga, in tapuranga, aí agente começou assim associando no sindicato e foi aprendendo alguma coisa, através do sindicato, que antes noisnum tinha essa sabiduria sabe? Antes de 72, que era muitas pessoas que num tinha essa sabiduria, de luta pela, pela vida melho, pela ... a diferença entre campo e trabalhador e sofrimento e a, e a paz, nois não tinha prazer. (Lourenço Luiz Bueno - Entrevista concedida dia 06/07/2012)

Podemos, por meio de sua fala, perceber a importância da organização sindical na formação da consciência social e política do trabalhador do campo dessa região. É profunda a frase de que antes do sindicalismo esta família não tinha conhecimento de que poderiam lutar por uma vida melhor. Lourenço diz que antes não tinham consciência da diferença entre sofrimento e paz. Assim este trabalhador rural se refere a reforma agrária como algo que veio aliviar o sofrimento destas famílias e a elas trazer a paz.

Quando questionado sobre como chegou ao seu conhecimento as questões da luta pela reforma agrária, o senhor Lourenço afirma que foi por meio do sindicato e da Igreja Católica. Para ele toda a organização dos acampamentos só deu certo graças ao apoio da Igreja Católica: “através do sindicato e a Igreja Católica, por isso que eu falo procê que a Igreja Católica noisdisfrui, nois disfruto da, dela, sem ela é imposivu u trabalhado entra na terra porque ela tem condição de apoiar. Né? Ela apóia o trabalhador” (Entrevista concedida no dia 06/07/2012).

Em todos os Assentamentos da região de Goiás - GO, o apoio da Diocese da Cidade de Goiás foi fundamental em sua luta. Através de reuniões organizadas pelo sindicato de Itapuranga e da Diocese de Goiás o grupo que posteriormente ficou acampado na BR-153 foi se organizando. Reunião após reunião o grupo ia se fortalecendo e tomando conhecimento de seus direitos e do que poderiam enfrentar na busca do direito a terra.

Lourenço relata como acontecia a formação das lideranças na Diocese de Goiás:

Ai o sindicato e a Igreja já tinha convidado nois pra entra numa terra, mais num isplícô onde era também não, sabe? Mas pra isso precisava de fazer

um treinamento, ai foi eu a dona Altaira, de Tapuranga, pra, por lá, pra vim pra Goiás pra fazer o treinamento em Goiás velho, nois viemos e foi que começo assim, tal dia é a outra reunião, tal dia é a outra reunião, tal dia é outro curso, tal, nois vinha pra, pra faze esse treinamento, né? Até que chego o dia que aconteceu de, de eu ser o líder lá em Tapuranga, ai eu criei o grupo lá, e cada região, por exemplo, Guaraita era um, Itapuranga era outro, era eu que..., cada região tinha o seu representante, pra podêarreuni o grupo, pra podê i pra BR- 153. Ai no dia certo já tavaarticuladim pra, pra noisimbarcá pra Goiana, ai nesse mei de praso já tinha o carro de levánois. (Lourenço Luiz Bueno - Entrevista concedida dia 06/07/2012).

Segundo Pessoa (1997) o grupo do futuro Assentamento Rancho Grande era formado por trabalhadores rurais das cidades de Goiânia, Itapuranga, Uruana, Itaberaí, Anicuns, Mossâmedes, Itauçu e Goiás.

Com base no depoimento do senhor Lourenço, em cada cidade era organizado um grupo, esse grupo, de tempos em tempos se reunia na Cidade de Goiás para decidir como seria o procedimento do grupo. Até que no dia 02 de novembro de 1986, com o apoio da CPT e da Diocese de Goiás decidem acampar as margens da BR-153, na saída para Anápolis.

A constituição desse grupo de famílias deu-se pela busca de direitos, democracia e cidadania. Após montar acampamento às margens da BR-153, próximo ao Central de Abastecimento de Goiás (Ceasa), começaram a pleitear, do Estado à desapropriação das fazendas Rio Vermelho, São Felipe II, Acaba Vida e Vereda Bonita, em busca de cidadania, democracia, direitos e reforma agrária. O período de acampamento na BR 153 durou nove meses e dez dias, período no qual ficaram esperando que o governador estadual Henrique Santillo, assinasse a desapropriação da terra. (SOUZA, 1997).

Este período de permanência na BR-153 é descrito pelas famílias como de muito sofrimento para todos do grupo, muitas experiências veio transformar a vida desse grupo para sempre, a morte de um dos integrantes do grupo por um acidente, talvez, tenha sido algo que chocou muito logo no começo. O fato permitiu entender que tudo ali seria bem mais difícil do que esperavam. Na noite de Natal, ali às margens da BR - 153, aconteceu o nascimento de uma criança, reacendendo a esperança de uma nova vida.

Para manter a organização do grupo foi estabelecido um estatuto que deliberava a organização do grupo, como mostra Pessoa (1997, p. 125).

Pelo estatuto criava-se um conjunto de regras que regia as várias temáticas do cotidiano, desde a proibição do consumo de bebidas alcoólicas, às medidas de segurança, saúde e comportamento. Essa organização também é percebida na fala do senhor Lourenço, quando questionado sobre a organização do grupo na BR-153, responde:

Tinha, tinha sim, aí era assim, tipo um quartel... então fulano tá de serviço, fulano guarda noite, né? Fulano hoje guarda noite, ronda, né? E aí, pra, fazia as reunião, escalava fulano pra i caçá alimentação em Tapuranga, caçá em tal lugar, então saia comissão práviajá, pra, pra arrumá as coisas, né? Uns saia pra Goiana, pra fala com, com os chefão, as comissão pra todo lugar saia... e aí acontecia, se ocêquisesse vim Tapuranga ou vim (....) Goiás, tinha que chegá no grupo, e fala cum grupo vê a data, assim assim, o que pode o que num pode. Lá num podia sai assim, adoidado, por que naquele tempo o povo tinha muito medo de pistoleiro, tinha muito medo, então num podia sair desagrupado. Sempre agrupado. (Lourenço Luiz Bueno- Entrevista concedida dia 06/07/2012)

A fala acima corrobora a hipótese de que o estatuto de organização do acampamento era respeitado por todos do grupo.

Durante a permanência do grupo as margens da BR-153, algumas pessoas saíam para trabalhar nas proximidades, nas chácaras. Seus serviços eram sempre vinculados a trabalhos com o campo, hora colhendo em hortaliças, hora fazendo farinha para chacareiros próximos ao acampamento. A fotografia abaixo feita por Masceno (1989), destaca uma mulher fazendo farinha “a meia”, ou seja, a pessoa que ofereceu a mandioca recebeu 50% da produção da farinha.

Fotografia: mulher fazendo farinha de mandioca



Fonte: Jofre Masceno, Imagem Reflexa, 1989.

Percebe-se então que havia uma relação de trabalho entre os acampados e os sitiante circunvizinhos.

Em muitos momentos os acampados enfrentaram situações de hostilidade por parte das pessoas que transitavam pela rodovia, xingamentos e palavrões eram constantes. Um desses momentos foi presenciado por um padre do Piauí, assim nos contou o senhor Lourenço:

Tava lá na BR e os povo passava e gritava assim:- vai trabaíá seus vagabundo. Ai tinha um padre lá, chama Raimundo, do Piauí. Ele tava lá conversando com agente lá, ai veio um pessoal e gritou:- Vai trabaíá seus vagabundo. Ai o padre pego e falô assim:- responde pra eles lá, vagabundo de Deus! Vagabundo de Deus. O padre falou pra nós. (Lourenço Luiz Bueno – Entrevista realizada 06/07/2012)

Esse é um dos enfrentamentos vivenciado por todos que se organizam para ocupar uma fazenda, são todos visto como preguiçosos e desocupados.

Para a alimentação do grupo sempre contaram com o apoio das entidades que realizavam campanhas para arrecadar alimentos. Outra maneira que o grupo tinha para melhorar a qualidade da alimentação era buscar restos de verduras no SEASA. O senhor Lourenço nos contou que todos os dias, o grupo escalado ia ao SEASA, em sua carroça, buscar as verduras, o tomate era uma fruta constante na alimentação de todos.

noissufria demais pra consegui alimentação, sabe? Ai agente, eu tinha uma carroça e um cavalo, ainois ia buscava resto de alimentação na SEASA, sabe? Tumate, aquelas coiserada, nós pegava na SEASA pra ajuda, o resto de de verdura lá, só restô. (Lourenço Luiz Bueno - Entrevista realizada 06/07/2012).

Diante do exposto pelo depoente percebe-se que o grupo se alimentava das verduras que os comerciantes do SEASA descartavam.

A fotografia abaixo mostra o senhor Lourenço e seu cavalo, com o qual buscava as verduras no SEASA.

Fotografia 5: Lourenço com sua carroça e cavalo, usados para transportar alimentos na BR-153



Fonte: Jofre Masceno, Imagem Reflexa, 1989.

A fotografia acima ilustra também o cotidiano de privações dos acampados, os barracos de lona preta que pouco protegia as famílias das chuvas, e que os expunha ao forte calor do sol durante todo o dia.

Pessoa (1997) faz menção de um depoimento de Lourenço datado de 1994, onde afirma que por meio desse depoimento entende-se que mesmo todos reconhecendo a importância fundamental da Igreja na reforma agrária, o senhor Lourenço questiona a valorização dada às entidades em seu apoio a alimentação. Para Lourenço a ajuda era dada não pela Igreja, mas sim, pelo próprio trabalhador que levava sua oferta para a Igreja, a Igreja ficava com a responsabilidade de transportar esses alimentos até os acampamentos.

E eles convocava Itapuranga e outras região, nas igrejas, ai os trabaiaidô levava a oferta pra igreja, eles que tinha as condições de transporte. Né? Arreunia aquelas alimentação e, e dava pra nois,... trazia pra nois, ai, ai nois ficava devendo favor pra eles, e o trabaiaidô não tava na história dando a alimentação pra nois aqui não, tava tudo in nome deles, em nome das entidades, ai todo mundo devia favor, e num ajudava agente a claria as coisas, ai os ozoto falava assim pra gente: - foi a igreja que fez isso! - não! foi os trabaiaidô gente, foi os trabaiaidô, o sindicato, esse povo é que ajudônois, foi os próprios trabaiaidô que ajudônois. (Lourenço Luiz Bueno *apud* PESSOA, 1997, p.)

Diferente de negar o apoio da Igreja na conquista pela terra é exaltar o apoio dado por trabalhadores do campo que muito contribuiu na luta dos Sem-Terra e nunca são mencionados.

Segundo o depoimento de outro assentado do P. A. Rancho Grande, que também esteve acampado na BR-153, o senhor Orélio Araújo da Silva, a ida para a BR foi uma tentativa de pressionar o governo a realizar a reforma agrária sem a ocupação de terras, no entanto, não funcionou.

Pressionar não deu certo. Vamos ocupar

Depois de permanecerem nove meses acampados as margens da BR-153, entre os dias 02 de novembro de 1986 a 12 de agosto de 1987, o grupo resolve sair da BR - 153 e entrar na fazenda Rancho Grande. No entanto, conforme Pessoa (1997), Souza (1997) e nossos entrevistados, nem todas as famílias acompanharam o grupo nessa data, muitos ficaram com medo de enfrentar os possíveis pistoleiros.

E aí chegou o dia de nós vim, pra cá , aí um cado, bola murcha ficou com medo, tinha pistoleiro aqui, a gente sabe que muitos companheiros de menos conhecimento, e tá medroso, né? Num quis vim, saio fora. Aí depois da bola, depois da onça morta aqui, aí tudo queria vim, tinha que vim (.....) tudo isso a gente passa, né? O caboco joga a gente na frente da batalha. . (Lourenço Luiz Bueno - Entrevista realizada 06/07/2012).

Essa situação gerou muito desconforto entre o grupo, mas acabaram por receber na fazenda todos os que não quiseram participar da ocupação. Mas esse era só o começo de todos os conflitos que iria surgir no grupo, tudo se complica ainda mais quando percebem que a fazenda seria insuficiente para acomodar todas as famílias.

Ao ocuparem a terra fizeram questão de comunicar na rádio Difusora de Goiânia, “como forma de manter a opinião pública esclarecida, bem como conseguir apoio da sociedade civil.” (Souza, 1997,p.101)

Logo que chegaram construíram um “ranchão” onde eram realizadas as reuniões e os barracos de cada família. A carroça e o cavalo do senhor Lourenço

mais uma vez iria contribuir para o bem comum de todos, carregando folhas de bacuri para cobrir as barracas. Logo as atividades masculinas no acampamento estariam voltadas para o plantio das roças.

O acampamento foi organizado as margens do córrego Rezende, córrego esse que corta a fazenda de um lado para o outro e desagua no Rio Vermelho. O rio vermelho determina um dos limites da fazenda. O córrego Rezende garantiu água limpa para todo o grupo. “O riacho se transformou no paraíso dos adultos e das crianças, por ser um manancial de água potável, fonte para beber, lavar roupas e vasilhas, tomar banho e nos primeiros meses, fornecedor de peixes.” (SOUZA, 1997, p.104-105).

Segundo Souza (1997, p. 107), a primeira roça foi plantada coletivamente, com influência tanto da Igreja quanto do MST, no entanto a experiência não teve sucesso. Depois decidiram pelo cultivo individualizado:

Dessa experiência, os posseiros decidiram por cultivo individualizado, optando por plantar no seu pedaço de terra para evitar que a partilha igual implicasse tratamento desigual entre eles. Como forma de justificar essa decisão para os de fora (os grupo de apoio), e para alguns mediadores, eles diziam que essa modalidade de cultivo também era coletiva, só que cada um tocava um pedaço, melhorando, assim, a produção. (SOUZA, 1997, p.107).

O trabalho coletivo, tal como são realizados pelo MST no sul do país nunca tiveram sucesso nessa região.

Em outra história contada pelo senhor Lourenço podemos perceber as relações do cotidiano do grupo, segundo ele no acampamento tinha muitas crianças, isso também pode ser visto nas fotos de Jofre Masceno, assim, depois de organizado o acampamento na fazenda Rancho Grande, Lourenço foi até a cidade de Itapuranga buscar algumas vacas de leite que possuía com a intenção de contribuir na alimentação das crianças. Nessas imagens a seguir podemos ver as vacas em um curral improvisado no acampamento.

Fotografia - Ermelina e Lourenço, vacas no acampamento



Fonte: Arquivo pessoal de Lourenço e Ermelina

A fotografia ilustra o curral improvisado feito no acampamento. Então as vacas garantiram um pouco de leite para as crianças do acampamento. O curral improvisado ficava no acampamento, as margens do córrego Rezende. Ao fundo barracão onde eram realizadas as reuniões dos acampados.

Entre agosto de 1987 e agosto de 1989 o grupo se manteve reunido as margens do córrego Rezende, foi em agosto de 1989 que o grupo se dividiu. Como mencionamos anteriormente a Fazenda Rancho Grande não dava para todas as famílias. Segundo Souza(1997):

Coincidentemente, nessa ocasião, nossa equipe dirigiu-se para àquele local para realizar as atividades de praxe, quando foi informada pelos posseiros daquele fato. Eufóricos diziam que a Vereda Bonita também fora desapropriada. Todavia, ao conversarmos em Goiânia com o pessoal da secretária do MST, ficamos sabendo que só havia saído a desapropriação de 1.600 ha da Vermelho, áreas denominadas, após o inventário, de São Felipe II, Acaba Vida e Rancho Grande, ficando-se sem saber o porquê da falsa informação transmitida por aqueles funcionários. (SOUZA, 1997, p.113)

Orélio Araújo, que na época estava em Chapecó –SC, em um encontro do MST, fala do episódio:

Foi uma articulação entre o INCRA e alguém daqui, tá aqui hoje na Rancho Grande, pra dizer que a Vereda Bonita tinha saído pra ai o pessoal ir, né? Tanto é que o pessoal embarco e foram. Chego lá era mentira, só que num, assim, ninguém escreveu nada, ninguém pegou um testemunhe, ai num tem como, na época num teve como prova que foi um funcionário do INCRA que

falou, e nem , só foi um bochichim debaixo de um quieto tal, mas quem falou? Uai, num sei! (Orélio Araújo da Silva – Entrevista dia 19/07/2012)

Os problemas internos do grupo estavam cada vez mais intensos, mas afirma Terezinha, esposa do Divino Social, assentados na Rancho Grande, que nunca houve no acampamento agressões físicas.

Acreditando que a Vereda Bonita também tinha sido desapropriada, o senhor Brechó saiu com um caderno anotando o nome de quem iria para a Fazenda Vereda Bonita, os critérios para a lista era a afinidade entre os membros do grupo. Esse grupo decidira não participar do sorteio feito pelo INCRA. Para definir quem iria para a Fazenda Rancho Grande, São Felipe ou Acaba Vida.

Em seu depoimento, Divino José, popular Divino Social,relata o episódio do sorteio:

O surteio foi feito, o nome dos projetos, foi desapropriado das terras, pois na cambuquinha, o pessoal pega, se saísse com a Rancho Grande ficava na Rancho Grande, se saísse na São Filipe ia pra São Felipe, quem pegasse pra Acaba Vida ia pra Acaba Vida. Só por que tinha uma turma de 28 famílias que já tinha dissidido, feito, posto no caderno que num ia entra no surteio porque ia pra vereda e um pouco de gente ficou animado em ir pra Vereda porque o pessoal do INCRA falava que ela tava desapropriada tamem. (Divino José - Entrevista concedida dia 19/07/2012)

O depoente Divino fez parte do grupo das famílias que decidiram ir para a fazenda Vereda Bonita.

O depoimento do Senhor Orélio Araújo também confirma essa versão dos fatos, nos contando que em uma cumbuca foram colocados os nomes de quem participaria do sorteio e em outra o nome da fazenda. De uma tirava o nome do assentado e da outra a fazenda onde seria assentado.

Isso nos dá outra versão dos fatos em relação ao sorteio, que segundo Souza (1997, p. 116):

Prevaleceu, contudo, a proposta que defendia a existência de duas urnas, uma denominada turma da Rancho Grande e a outra turma da Vereda Bonita. Nessas cumbucas os chefes de família deveriam retirar um papel, no qual deveriam retirar um papel, no qual estava escrito o nome dos projetos de assentamentos, isso é: Acaba Vida, São Felipe II e Rancho Grande. Na falta de um outro tipo de condução, alguns aceitaram o

esquema adotado iniciando o processo de sorteio com a não aquiescência da maioria, denominada, naquele momento, de turma da Vereda.

A contradição esta justamente na organização de quem iria para a fazenda Vereda Bonita e quem ficaria na fazenda Rancho Grande, de acordo com o depoimento de Terezinha, uma das pessoas que foram para a Vereda, o pessoal da Vereda não quisera participar do sorteio. Já a citação anterior, de Souza, mostra que o grupo que fora para a fazenda Vereda Bonita não teve alternativa a não ser aceitar a organização realizada por aqueles que ficou na Rancho Grande. Um dos depoimentos usados por Souza, de João Marques também confirma essa versão dos fatos, veja: “foi eis que decidiu se separar, que o grupo não servia pra eis, foi a própria pessoa que decidiu por si ir pra Vereda”. (SOUZA, 1997, p.119)

Tanto para Pessoa (1997) quanto para Souza (1997), os conflitos no Assentamento Rancho Grande também possuem outro atenuante muito forte, o religioso. Vejam:

Destarte, no processo político organizativo desse grupo, durante os próximos três anos, ocorre uma série de contradições, baseada em acirramento de disputa políticas, de intrigas e de divisões internas das famílias, aparecendo, nesse cenário, dois grupos que tentam dar condução política junto ao INCRA. O grupo dos Crentes, com pessoas afinadas a eles, e o grupo dos católicos, ligados ao MST. Quem esta de fora, considera que esta luta religiosa ou uma disputa política das duas associações, a do grupo dos 17, denominada ASSOGRAM, e a dos “sem-terra”, agora chamados de excedentes, denominados de 25 de Julho. (SOUZA,1997, p.121)

A questão religiosa, no entanto, se não foi a única justificativa, foi uma entre outras facetas da divisão. Na história do grupo até é possível rastrear a divisão, dispondo-se os pares de opostos. Pessoa (1997, p. 173) apresenta este quadro da seguinte maneira:

Quadro 01: Divisão dos lotes

Pré-assentados que ficaram na Rancho Grande garantindo a terra	Grupo que ocupou a Vereda Bonita para ampliar a área
ASSOGRAN	Associação 25 de Julho
Assembleianos	Católicos
Defensores da organização individual da produção	Defensores da produção coletiva

“Partidários da situação” (apoio a quem está no poder municipal como garantia de consecução de benefícios para o assentamento)	Filiados ou eleitores do PT
--	-----------------------------

Fonte: Pessoa (1997)

No quadro acima fica evidente a questão religiosa interferindo na ideologia do grupo. Todavia as entrevistas nos mostraram que embora fosse um fator que influenciou a questão religiosa não foi o fator determinante, tal como defende Pessoa..

Para demonstrar uma contradição no quadro apresentado por Pessoa apresenta-se, no quadro abaixo, elaborado segundo a ata de constituição da ASSOGRAM, vejam a tabela:

Quadro 2: Membros da ASSOGRAM segundo sua ata de fundação.

Associados	Religião
Valter Assis	Assembleano
José Quirino	Católico
Divino Oscar	Católico
Lourenço	Assembleano
Creone	Católico
Orélio	Católico
Euripedes Brandão	Assembleano
Antônio Divino	Assembleano
João Marques	Assembleano
Miguel Quirino	Católico
Marcio Leite	Católico
Aparecido	Assembleano
Lázaro Adorno	Assembleano
Luiz	Católico
Francilino	Católico
Sebastião	Católico
Benedito Arantes	Católico
Paulo Marques	Assembleano
Sandra Pedro	Católico
Assembleanos– 8	Católicos 11

Fonte: Ata de constituição da ASSOGRAN.

Através desta tabela, pode-se refutar a tese de que a ASSOGRAM era composta apenas por assembleianos. Ela foi uma associação dos assentados rurais residentes na Rancho Grande, independente do vínculo religioso. Outro detalhe que vale a pena ser mencionado é que o “vice-presidente” da Associação 25 de Julho é um dos sócios da ASSOGRAM, o senhor Francilino, e ele era católico. É preciso

destacar que a Associação 25 de Julho nunca foi registrada, não se sabe ao certo nem quem era os associados, não encontramos nenhum documento que pudesse fornecer informações concretas sobre a mesma.

Durante os dias que parte do grupo estava na fazenda Vereda Bonita, os pré-assentados da Fazenda Rancho Grande criaram uma associação de moradores, e que eles cometeram um equívoco, pois a associação foi registrada como associação de moradores enquanto deveria ter sido registrada como associação de trabalhadores rurais. Então para corrigir esse erro a associação de moradores se transforma em ASSOGRAM. (SOUZA, 1997).

Hoje, tanto os moradores do Assentamento Rancho Grande quanto as famílias que fizeram parte do grupo que ficaram na fazenda Vereda Bonita, não entendem o motivo dos conflitos do período terem sido relatados como conflitos vinculados a questões religiosas. Ambos são categóricos em afirmar que os conflitos religiosos existiram sim, no entanto, não a ponto de determinar quem ia ou quem ficava.

A seguir apresenta-se a história das famílias que foram para a fazenda Vereda Bonita.

Na fazenda vereda bonita, a coisa ficou feia

A fazenda Vereda Bonita era considerada improdutiva quando o grupo começou a reivindicá-la junto ao INCRA, além do que mesmo a fazenda tendo terras muito férteis ela não era cultivada e não possuía benfeitorias.

Quando se teve a notícia que a fazenda também tinha sido desapropriado muitos acreditaram que os seus problemas tinham chegado ao fim. O grande problema do grupo era garantir que todos tivessem sua parcela de terra, sendo assim, a conquista da fazenda Vereda Bonita resolveria o problema.

O grupo que decidiu ir para a fazenda não perdeu tempo, e no dia seguinte ao sorteio que definiu quem iria para as outras fazendas, decidiram tomar posse da fazenda desapropriada. Para a surpresa de todos que foram para a fazenda Vereda Bonita, a informação que aquela propriedade também tinha sido desapropriada era

falsa. A fazenda que antes não possuía benfeitorias agora já possuía pastagens e represa. O acampamento foi montado próximo à represa, e os procedimentos tomados, regras e cuidados, foram os mesmos de quando ocuparam a fazenda Rancho Grande.

Durante os 15 dias em que ficaram lá, segundo José *Bodoque*, as famílias mantiveram todos os procedimentos de uma ocupação isso é: a composição dos três turnos de guarda; a equipe para escolher o local da roça; a da negociação política, que deveria ir encaminhar as discussões no INCRA e divulgar, nos meios de comunicação, a situação que estava enfrentando. (SOUZA, 1997, p.118).

No entanto, o plano do grupo fracassou. Poucos dias depois todos foram despejados e tiveram que voltar para a fazenda Rancho Grande.

Gomes (1995) conta como se deu o processo de saída da fazenda Vereda Bonita.

O dia 22 de agosto de 1989 não foi muito bom para as famílias acampadas na fazenda Vereda Bonita. Dez homens armados surpreenderam as famílias, quando seguiam para o trabalho diário. Três deles se identificaram como sendo agentes da Polícia Federal. Mesmo não apresentando documento, os supostos agente dão prazo de dez dias para que o grupo desocupe a área. Uma comissão de três pessoas, representando os acampados, denuncia esse fato ao Secretário de Segurança Pública do Estado de Goiás e também à imprensa. No dia seguinte às ameaças sofridas pelas famílias, o acampamento é invadido pôr 50 jagunços armados. Estes apresentam um documento assinados por Assuntos Fundiários e pelo INCRA. As famílias são despejadas e os barracos queimados. (GOMES, 1995, p.57).

Por meio dessa citação é possível entender todas as dificuldades enfrentadas pelo grupo ao ser “despejado” da fazenda Vereda Bonita. Ao saber que voltariam para a fazenda Rancho Grande, a primeira atitude foi criar a associação de moradores, a mesma já foi mencionada anteriormente.

Inicialmente as famílias que permaneceram na fazenda Rancho Grande não queriam aceitara volta das famílias que foram para a fazenda Vereda Bonita. No entanto, todos voltaram para a fazenda. Os que vieram da Vereda queriam que o

primeiro sorteio feito, fosse desconsiderado e um novo sorteio fosse realizado. Os pré-assentados, que já estavam cada um em seu determinado lote não quiseram aceitar um novo sorteio.

Para conseguirem voz ativa, os que voltaram da fazenda Vereda Bonita, também organizaram uma associação, a 25 de Julho, que segundo Souza (1997, p. 123), “tratava-se de uma associação de produção a qual contemplava alguns projetos que seus associados tinham em mente para quando fossem assentados”.

Novamente sem terra

Para tentar solucionar o problema das 28 famílias que ficaram sem lote, ou seja, os excedentes, o INCRA faz uma nova divisão das parcelas das três fazendas: Acaba Vida, São Felipe e Rancho Grande, para que assim um número maior de famílias fosse assentada. Souza relata este episódio:

Em 1992, o INCRA refez sua proposta, definindo que na Rancho Grande ficariam 21 famílias em vez de 17; na Acaba Vida mais duas passando para quatro. E, na São Felipe II, de oito passaram para 12 famílias, ficando como excedente 13 famílias, já que os demais tinham desistido de lutar e/ou esperar a desapropriação daquela terra. O INCRA apontou, ainda, para os excedentes, uma nova área, constituída de lotes na fazenda Lebre, um assentamento novo, no município de Doverlândia, distante mais de 100km da cidade de Goiás. (SOUZA,1997, p.124)

Mesmo com a nova divisão das fazendas e os lotes da fazenda Lebre, 13 famílias ficaram sem terra. O problema ainda continuava, pois como seriam os critérios para decidir quem seria assentado? Quem ficaria de excedente? Divino Social relata que:

Nois que decidiu quem ia ficar sem terra. Nois, a maioria, junto com os assentados e mais os outros que ficou aqui decidiu como ia fazer, mandou um pouco de gente pra São Felipe, mandou um pouco pra... pro outro assentamento que eu esqueço o nome, num alembro... ai um mucado de gente (Divino Social – Entrevista concedida dia 19/07/2012).

Souza (1997) afirma que para decidir o destino dos excedentes foi realizada uma reunião na Diocese de Goiás onde participou membros das duas associações, da ASSOGRAM e da Associação 25 de Julho, além da direção do MST, da CPT onde negociaram quais seriam os integrantes do grupo que continuariam “Sem-Terra”. As treze famílias que ficaram excedentes foram enviadas para outra fazenda na divisa do Estado de Goiás com Mato Grosso.

A seguir será apresentado o Assentamento Rancho Grande hoje, buscando ver se há nele uma viabilidade econômica.

E hoje, como está o assentamento rancho grande?

Depois de duas décadas o assentamento Rancho Grande é um exemplo de que a reforma agrária é a saída para resolver os problemas da fome, da miséria e da desigualdade social no Brasil.

Um grupo formado por homens e mulheres que trabalhavam em fazendas como empregados ou mesmo alguns que tinha suas raízes vinculadas ao campo e que na década de oitenta se encontravam morando na cidade e sonhavam com a possibilidade de voltar para o campo, de possuir um pedaço de chão para plantar e garantir uma melhor qualidade de vida para seus filhos e plantar seu quintal...

Antes agente vivia oprimido nas fazendas. Né? Trabalhando na meia, prozoto. Né? Trabalhadores rurais...

- Se eu trabalha na sua fazenda e começá fazê um quintal bãum, uãprantação boa nu outru anu cê me põe pra rua, pode cê meu amigo cê me põe pa rua, fica cu medu deu ocupa sua terra, medu deu toma sua terra, alguma coisa do cê. (Lourenço Luiz Bueno – Entrevista realizada 06/07/2012)

Agora podem plantar seu quintal, sem ter medo de ser mandado embora.

Atualmente o Assentamento Rancho Grande tem produzido uma renda anual de aproximadamente R\$ 488.429 por ano com uma renda familiar que varia de R\$ 15.428,00a R\$ 57.950,00³. Na tabela e no gráfico abaixo mostraremos em que se baseia a renda dentro do Assentamento.

Tabela da estimativa da renda do Assentamento

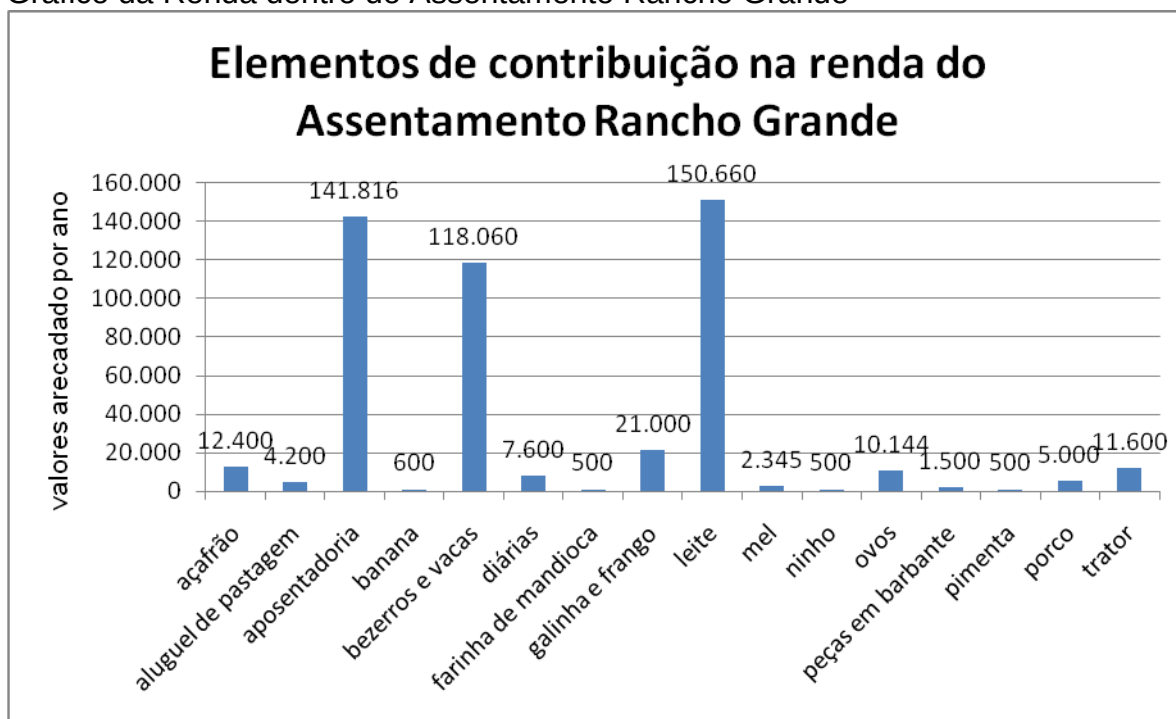
Açafrão	12.400
Aluguel de pastagem	4.200
Aposentadoria	141.816
Banana	600
Bezerros e vacas	118.060
Diárias	7.600
Farinha de mandioca	500
Galinha e frango	21.000
Leite	150.660
Mel	2.345
Ninho	500
Ovos	10.144
Peças em barbante	1.500
Pimenta	500
Porco	5.000
Trator	11.600

Fonte: pesquisa da autora.

A aposentadoria tem sido um dos elementos que garante boa parte da movimentação financeira dentro do Assentamento, das dezoito parcelas onde foi realizada a pesquisa, em onze existe ao menos uma pessoa aposentada. A aposentadoria não pode ser compreendida como renda da terra, pois mesmo que essas pessoas estivessem na cidade teriam esse direito. No entanto vale ressaltar que o direito da aposentadoria é antecipado em cinco anos para quem vive no campo. Outra análise deve ser feita quanto ao elevado número de aposentados dentro do Assentamento, os assentados estão envelhecendo e o mais importante é que estão ficando sozinhos, quase sempre só o casal, os filhos tem ido para a cidade em busca de uma vida melhor, em busca de estudo, não existe incentivo para a permanência do jovem no campo, essa é uma questão que deve ser estudada na região. Já existe até uma brincadeira na região onde se afirma que o Assentamento Rancho Grande virou lugar de aposentado.

Em forma de gráfico será apresentado os valores correspondente à renda de cada elemento gerador de renda, assim a noção das diferenças da participação entre um produto e outro ficarão mais evidentes

Gráfico da Renda dentro do Assentamento Rancho Grande



Fonte: Pesquisa realizada pela autora

O gráfico mostra que o principal gerador de renda dentro do Assentamento é a produção de leite, das dezoito famílias que participaram dessa pesquisa como entrevistados treze são produtores de leite, o segundo produto gerador de renda é a venda de gado. Deve-se levar em conta que a aposentadoria não é um produto gerador de renda, é uma renda fixa que é um direito do cidadão independentemente de onde ele vive com a ressalva dos anos que é antecedido a aposentadoria para aqueles que vivem no campo.

A produção leiteira é uma característica do município, por ser região de cerrado Goiás possui uma trajetória histórica onde a criação do gado esteve sempre presente. Essa produção é incentivada aos assentados pela facilidade que se tem de escoar esse produto. Com a tecnologia que permite o resfriamento do leite por alguns dias e o transporte desse produto feito pelas empresas do ramo de laticínios fica muito mais prático para o produtor realizar venda de sua produção, e o dinheiro, mesmo que esse produtor nunca saiba quanto irá receber por seu produto, é garantido todo fim de mês. Sendo assim, o produtor não corre o risco de fazer o queijo, o doce, o requeijão e não encontrar mercado consumidor para seus produtos, lembrando também que nesses casos o transporte dos produtos derivados do leite

ficará por conta do produtor, a questão do transporte do produto seja ele *in natura* ou como derivado tem sido decisivo na hora do produtor decidir o que fazer com o leite. Outro fator importante na produção leiteira dentro do assentamento é que a ordenha em alguns casos é feita por vários membros da família hora sendo pelo casal, hora pelo pai e pelo filho, desde cedo os meninos aprendem a fazer a ordenha, isso é ilustrado nas imagens abaixo.

Foto: ordenha do leite



Fonte: A Autora

A ordenha do gado é realizada em algumas épocas do ano em dois períodos, pela manhã e a tarde.

Ainda com base nessa pesquisa pode-se afirmar que a diversificação na produção garante uma maior rentabilidade dentro da parcela, podendo ser usado como exemplo o assentado Orélio que, segundo os dados desta pesquisa é o produtor com maior renda alcançando uma média de R\$ 57.950 anualmente, em sua parcela é produzido o açafrão, o ninho, a farinha de mandioca, o mel além da criação de porcos, galinha e do gado leiteiro que fornece o leite e garante uma venda de excedente desse gado.

O plantio da cana é outro produto de fundamental importância dentro do Assentamento, não é um produto utilizado como fonte de renda, no entanto, por se tratar de uma região onde predomina a criação do gado leiteiro, esse produto é utilizado como trato para o gado durante os meses de seca. Em algumas parcelas são fabricadas o silo, em outros o produtor tritura a cana no momento de alimentar o gado.

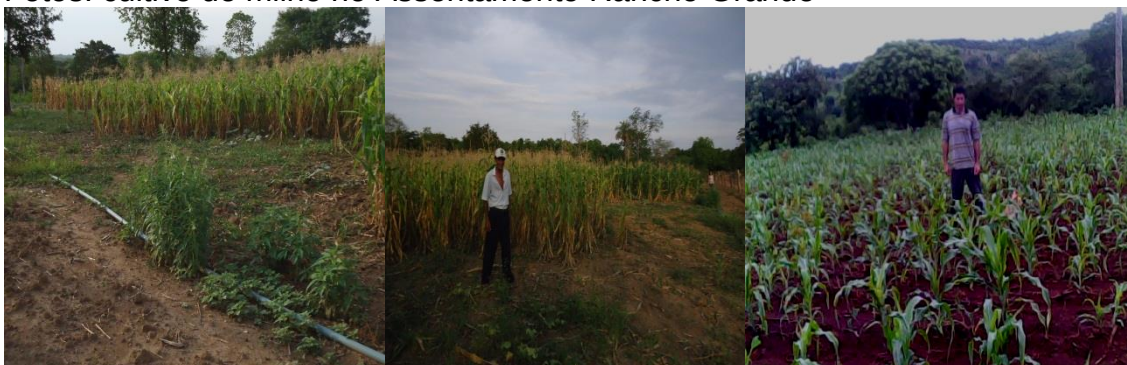
Fotos: cultivo de milho no Assentamento Rancho Grande.



Fonte: A Autora

Outros tipos de plantio comum no Assentamento Rancho Grande que serve como produto de subsistência é o milho e a mandioca. O milho é plantado para garantir a pamonha, o cural, o angu e o milho verde refogado, ou seja, é um alimento que garante a fartura na mesa dos assentados. Em alguns casos o milho é plantado ainda em período de estiagem, é o caso do senhor Francilino que este ano plantou milho em varias etapas graças a um quite de irrigação. A foto abaixo demonstra três etapas deste plantio.

Fotos: cultivo de milho no Assentamento Rancho Grande



Fonte: A Autora

Em alguns casos o milho é plantado ainda em período de estiagem, é o caso do senhor Francilino que este ano plantou milho em varias etapas graças a um quite de irrigação. Nas duas primeiras fotos é possível perceber as três etapas deste plantio.

A mandioca em alguns casos é usada para alimentar o gado, em outro é consumida diariamente nas principais refeições cozida ou frita. A mandioca, como já mencionada anteriormente, é usada na produção da farinha e do polvilho, ambos fazem parte da alimentação diária dos moradores do P.A. Rancho Grande.

Foto: Mandiocal



Fonte: A Autora

Em alguns casos a mandioca é plantada por um produtor e os seus derivados são fabricados por outro.

O plantio de hortaliças é outra pratica comum. Em algumas parcelas a horta produz o ano todo garantindo couve e cheiro verde na alimentação das famílias.

Foto: horta permanente



Fonte: A Autora

Observa-se também que nas praticas do dia-a-dia existe uma cumplicidade muito grande entre os assentados, pois os produtores que, pela pratica

e pela facilidade que suas parcelas proporcionam, consegue uma produção constante e variada de hortaliças se empenham em dividi-las com os vizinhos.

O milho para a pamonha, a mandioca para um e outra refeição também são dados a uns e outros, hora por não ter plantado, hora por sua produção estar atrasada.

Outro momento em que se percebe o coletivismo entre os assentados é quando um dos produtores tem algum tipo de problema de saúde, eles se organizam em um mutirão para organizar o que esta passando da época de ser organizado, seja limpeza das pequenas roças ou de roçagem das pastagens.

Desse modo pode-se afirmar que o Assentamento Rancho Grande é um lugar onde a reforma agrária funcionou em vários aspectos, econômicos sociais e políticos. Econômico por que todas as famílias conseguem garantir uma renda suficiente para garantir uma vida digna. Social, pois a convivência do dia-a-dia permite a todos a visão que são um grupo e que mesmo tendo suas parcelas individuais sempre poderão contar uns com os outros. Política, pois foram capazes de lutar por seus direitos e a conquista de suas parcelas é a prova disso.

Problemas, conflitos, ideias contrárias também existe, não devemos poetizar as relações entre os assentados, no entanto, são fatores que fazem parte do viver em sociedade. As relações de “boa vizinhança” sempre prevalece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa seguiu critérios metodológicos e teóricos que permitisse a construção de um trabalho capaz de discorrer sobre a viabilidade econômica e social dos Assentamentos no município de Goiás, tendo objeto de análise o Assentamento Rancho Grande situado a aproximadamente 35Km da Cidade de Goiás.

Os resultados, dessa pesquisa, permitem que algumas considerações quanto a reforma agrária sejam feitas.

A reforma agrária tem sido o desejo de todos aqueles que lutam por igualdade social. Sabe-se que a desigualdade social é fruto do modelo de colonização e ocupação do território brasileiro.

É com essa consciência que os movimentos sociais do campo partiram em busca dos direitos à terra, uma luta que teve como preço a vida de muitos homens e mulheres do campo e que hoje já se pode ver e colher os frutos dessa luta.

No entanto é preciso estar atento a alguns fatores: a reforma agrária só acontece por meio de luta, de reivindicação, de pressão ao governo federal. Se a reforma está acontecendo é porque a luta está acontecendo. Se a reforma agrária não está acontecendo é porque se tem deixado de lutar por ela. O poder público jamais dará ao oprimido sem que ele reivindique o seu direito.

A reforma agrária não deve ser pensada como distribuição de terra, é preciso muito mais que isso para que as pessoas consigam viver com dignidade no campo. Precisa-se de investimento tecnológico, e isso não alterará em nada o verdadeiro valor cultural do campesinato, precisa-se de investimento na saúde e na educação, é preciso formação e capacitação no campo voltada para os interesses de quem vive no campo e não uma educação baseada nas normas do urbano.

Ao acontecer à reforma agrária não é só o campo que se beneficia. O campo age diretamente na cidade. A cidade de Goiás é um bom exemplo disso, há vinte anos a cidade contava com apenas três comércios que vendia produtos voltados para o campo, hoje esse número é mais que o dobro, isso sem contar com o fornecimento desses produtos realizados por intermédio dos “atravessadores de leite” que comprem esses produtos com um valor final mais barato para os produtores de leite, muitos produtores também se dirigem as cidades vizinhas para comprar esses produtos por valores mais baixos. Se pensarmos nessa dinâmica comercial, quanto mais renda gerar no campo, maior será a movimentação comercial da cidade. O resultado final de todo esse processo é o aumento na produção agropecuária e consequentemente um aumento na geração de emprego refletida no PIB do município como setor de serviços.

Com base em tudo que já foi mencionado até aqui, embasados de um amplo trabalho de pesquisa, pode-se afirmar que a reforma agrária é viável no município de Goiás bem como se reafirma a sua viabilidade para todo território brasileiro.

REFERENCIAS

BORBA, Carlos Alberto Vieira. A Questão Agrária no Governo de Mauro Borges (1961 – 1964): As Ligas Camponesas agitam a luta pela terra em Goiás. In: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307634841_ARQUIVO_Aquesta_oagrarianogovernoMauroBorges_revisado_.pdf (acesso em 25/02/2012)

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. *Itaçu: sonhos, utopias e frustrações no movimento camponês*. Goiânia: UFG, 2005 (Dissertação de Mestrado em História).

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Ed. Expressão Popular. São Paulo. 2004.

CARRARA, Angelo Alves. Camponês: uma controvérsia atual. In: Beatriz Anselmo Olinto (Org.), Márcia Menendes Motta (Org.), Oséias de Oliveira (Org.). *História Agrária: propriedade e conflito*. Guarapuava: Unicentro, 2008, p. 17-40. In: http://www.fundacaoaraucaria.org.br/projetos/projetos08-2008/13385_Anais.pdf (acesso em 22/02/2012)

CARVALHO, Horácio Martins de. *O campesinato no século XXI: Possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato*. Petrópolis: Editora, 2005.

_____. *Campesinato e a Democratização da renda e da Riqueza no Campo*. Local: Editora, 2005.

COSTA, CléiaBotelho da. Posseiros e Políticas – Goiás nos anos 60. *Rev. hist. N.* 134, São Paulo, jun. 1996. In: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S003483091996000100005&script=sci_abstract (acesso em 30/03/2012).

DUARTE, Elio Garcia. *Manifestações Camponesas em Goiás: perspectivas para uma pesquisa histórico-cultural*. História Revista. Goiânia: UFG, 1999. In: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10571> (acesso em 14/05/2012).

DUARTE, Élio Garcia. *Do Mutirão à Ocupação de Terras: Manifestações Camponesas em Goiás*. São Paulo: UNB, 1998 - Tese (Doutorado em História).

_____. *O Movimento dos Trabalhadores do Campo em Goiás. Temporis(Ação); Goiás, V.1, N.3, Jan/dez. 2000.*

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. *Os desafios da agricultura camponesa*. Goiânia: 2004.

GOMES, Luiz Antônio Lopes. *A Dolorosa Transição: De Trabalhadores Sem Terra a Trabalho com Terra*. (Dissertação de Mestrado em História).

GUZMÁN Eduardo Sevilla; MOLINA Manuel Gonzáles de. *Sobre a evolução do conceito de campesinato*. Brasília, Março de 2005. *Via Campesina do Brasil*. São Paulo: Ed. Expressão Popular.

IANNI Octavio. *Dialética e Capitalismo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 3ª edição, 1988, p.101-112.

MACENO, Jofre. *Imagem reflexa*. Goiânia: Ed. UCG, 1989.

MANÇANO, Bernardo. *Delimitação conceitual de Campesinato* (2004).

MARTINEZ, Paulo. *Reforma Agrária: questão de terra ou de gente?* São Paulo: Moderna, 1987 (Coleção Polêmica).

MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite. Emancipação política e libertação nos Movimentos Sociais do Campo*. São Paulo: HUCITEC, 1989.

MST- Lutas e Conquistas, Reforma Agrária: por Justiça Social e soberania popular, 2ª edição, pesquisado no dia 01/03/2012, in:
<http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF>.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Ajuntando os cacos: a conquista da terra como reconstituição do simbólico*. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: UFG, 1997, p.25-40.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A revanche Camponesa: cotidiano e história em assentamentos de Goiás*. Tese (Doutorado em História).

RIBEIRO, Marlene. *Movimento Camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da educação*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.

RODRIGUES, Maria Emilia de Castro. *Movimento de Educação de Base em Goiás*. In: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5724--Int.pdf> (acesso em 22/02/2012)

SILVA, Valtuir Moreira. *Trabalhadores Rurais de Itapuranga: experiências de resistência e organização – 1970-80*. Goiânia: UFG, 2001 (Dissertação de Mestrado em História).

SOUZA, Regina Sueli. *Ordem e contra Ordem: o processo constitutivo do MST na especificidade do Assentamento Rio Vermelho – Brasília, agosto de 1997* (Dissertação de Mestrado)